

IBMR / LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES
PÓS – GRADUAÇÃO PSICOMOTRICIDADE (EDUCAÇÃO E CLÍNICA)

MARCELO BITTENCOURT JARDIM

O AFETO COMO INSTRUMENTO PRIMORDIAL NA ATUAÇÃO DO
EDUCADOR FÍSICO COM CRIANÇAS E JOVENS DE COMUNIDADES
CARENTES

Rio de Janeiro

2012

IBMR / LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES
PÓS – GRADUAÇÃO PSICOMOTRICIDADE (EDUCAÇÃO E CLÍNICA)

MARCELO BITTENCOURT JARDIM

O AFETO COMO INSTRUMENTO PRIMORDIAL NA ATUAÇÃO DO
EDUCADOR FÍSICO COM CRIANÇAS E JOVENS DE COMUNIDADES
CARENTES

Trabalho de conclusão de curso apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título de
especialista em Psicomotricidade (Educação e
Clínica).

Orientadora: Profa. Ms. Ana Cristina M. Trindade.

Rio de Janeiro

2012

“Ora muito me regozijei no Senhor por finalmente reviver a vossa lembrança de mim; pois já vos tínheis lembrado, mas não tínheis tido oportunidade. Não digo isto como por necessidade, porque já aprendi a contentar-me com o que tenho. Sei estar humilhado, como sei também estar exaltado: em toda a maneira, e em todas as coisas estou instruído, tanto a ter fartura, como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece.”

(Filipenses 4: 10-11-12-13)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	A ATUAÇÃO DO EDUCADOR FÍSICO COM CRIANÇAS E JOVENS DE COMUNIDADES CARENTES.....	9
2.1	Os programas sociais nas periferias.....	11
2.2	A educação na comunidade carente.....	14
2.3	O perfil da população descrita.....	17
2.4	A importância do educador físico na comunidade carente.....	22
3	PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: possíveis caminhos a percorrer.....	23
4	CONCLUSÃO.....	25
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	26

RESUMO

Este trabalho investiga a história da comunidade carente, onde o Programa Social com atividades coletivas e individuais está inserido, e o desenvolvimento da Psicomotricidade Relacional na atuação profissional do Educador Físico. O trabalho engloba, ainda, o discurso de autores sobre a Psicomotricidade Relacional nas comunidades e o aspecto positivo dos programas sociais implantados nessas comunidades carentes, através de revisão bibliográfica. Também foi abordada a área de intervenção da Psicomotricidade na vida dessas crianças mais desfavorecidas, sendo estas: a educação, a reeducação, a parte psicomotora e psicoafetiva dessas crianças. Observamos a importância do afeto e do movimento na formação do educando, que faz toda a diferença para uma mudança de condutas, de atitudes e de interesse nas aulas. O trabalho aponta o lado afetivo positivo do Educador Físico como possibilidade de acesso às crianças problemáticas, tímidas, deficientes e pouco sociáveis, que sofrem com o descaso social e pela falta de uma família minimamente estruturada. Demonstraremos que a família pode influenciar positivamente e negativamente na formação desses jovens que passam por problemas sociais e afetivos, e que a intervenção do Educador é fundamental na formação dos mesmos. Enaltecendo que o afeto é importante para dar segurança, uma demonstração de carinho, cuidado, atenção e crescimento pessoal (amadurecimento na vida) para esses jovens. Este trabalho, assim, pretende mostrar a importância que a Psicomotricidade Relacional exerce na vida e no dia a dia das crianças que residem em comunidades carentes, e que o Educador é uma figura muito influenciadora, positivamente ou negativamente, na vida dessas crianças, que o movimento e o afeto são aspectos básicos fundamentais para a formação do sujeito.

Palavras-chaves: Educador Físico, Psicomotricidade Relacional, Programa Social e Comunidade Carente.

ABSTRACT

This work investigates the history of a disadvantaged community, in which the Social Program with its group and individual activities takes place, and the development of the Relational Psychomotricity as exercised by the Physical Educator. It also revisits several authors on the use of this methodology in disadvantaged communities and the positive aspects of having such Social Programs within these areas. As Psychomotricity and the life of poor children were taken into consideration, the following intervening areas were addressed: education, reeducation, and children's psychomotor and psycho affective aspects. It was observed that affect and movement are important to student development, and that they have a major contribution to change in behavior, attitudes and interest in class. The article shows the positive affective side of the Physical Educator as a possibility to access children who are troublesome, shy, disable and of poor social skills, and who are socially neglected and lack a minimum family structure. It demonstrates that family can influence in a positive or negative way the development of these youngsters who go through social and affective problems, and that the Educator's intervention is essential to their development. It also highlights that affect is important, since not only does it bring security, care, attention it also allows display of affection and personal development to these youngsters. Therefore, the work aims to show the importance of Relational Psychomotricity applied to everyday life and throughout the life of children from disadvantaged communities. It also shows that the Educator plays an important role, influencing in a negative or positive way these children's lives and that movement and affect are basic essential aspects to subject formation.

Key-words: Physical Educator; Relational Psychomotricity; Social Programs; Disadvantaged Community

INTRODUÇÃO

A escola tem um papel de importância muito grande na formação do sujeito, principalmente nos segmentos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental, porém através da minha prática profissional tenho observado que a instituição “Escola” está perdendo força ao longo dos anos.

Sou Educador Físico de um Programa Social em um lugar de risco, onde há a predominância do tráfico, da prostituição, assim como da ociosidade, conhecido por nós como comunidade carente. Exerço a função de *Coordenador de Núcleo do Ministério do Esporte do Governo Federal* e vivencio essa realidade nas “favelas” onde desenvolvo meu trabalho, atuando com crianças e adolescentes na faixa etária entre cinco á dezoito anos de idade.

Esse estudo surgiu da minha percepção em relação ao papel que exerço na vida dessas crianças e jovens dentro da comunidade e da Escola e do quanto a Ciência da Psicomotricidade pode servir como instrumento mediador e formador do sujeito em seu aspecto biopsicossocial. Pretendo através de relato de experiência e revisão bibliográfica enfatizar a importância da atuação especializada como diferencial na qualidade de vida desses jovens.

Vejo que a escola está sendo uma das últimas opções de escolha dos jovens da periferia, por vários fatores, como os seguintes: pela falta de incentivo da educação pelo Estado, pela má formação dos profissionais irresponsáveis e “acomodados”, pela falta de estrutura das escolas, pela forma que esses jovens estão sendo efetivados a cada ano letivo (aprovação automática), e, por fim, pelo Estado que não se importa com essa situação.

Os jovens não estão sendo atraídos mais pela educação, já acompanhei de perto meninos com idades de 14 anos que não sabiam ler, mas estavam frequentando a escola e sua série normalmente. Um deles, D.M.¹, dizia “*Vou quando eu quero para escola, sei que vou passar direto mesmo, não posso repetir*”. D.M. possui 14 anos de idade, estuda

¹ Utilizo, aqui, as iniciais do nome da criança, para manter sigilo.

em um CIEP do Estado do Rio de Janeiro, em uma comunidade carente de Niterói e é meu aluno no Programa Social. Outro depoimento é de A.G. , uma criança de 11 anos de idade, que cursa e está matriculada na terceira série (quarto ano) em uma Escola Municipal, também de uma comunidade carente em Niterói e minha aluna no Programa Social, que relatou “*Tenho dificuldade na escrita e não sei ler, mesmo assim estou sendo aprovada*”.

O aluno é considerado infrequente com faltas acima de 50%, mas, na prática, este percentual é ultrapassado. Essa porcentagem é permitida pela *LDB “LEI de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LEI 9394-96”*:

no artigo 5/III- Zelar, junto aos pais ou responsáveis, pela freqüência a escola. No artigo 12/VII - Informar os pais e responsáveis sobre a freqüência e o rendimento dos alunos, bem como sobre a execução de sua proposta pedagógica. No artigo 24/V (a- avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b- possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar; c- possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado; d- aproveitamento de estudos concluídos com êxito; e- obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos).

Em um debate promovido pelo *portal UOL* e pelo *Jornal Folha de São Paulo* em 17/08/2010, o Governador de São Paulo Geraldo Alckmin (*PSDB*), considerado pela *Revista Época* um dos 100 brasileiros mais influentes do ano de 2010, voltou a defender o sistema de “aprovação automática” na rede pública. Segundo Alckmin, “*Não está errado, porque o aluno está na escola para aprender e não para ser reprovado. A escola é para ensinar*”². Sem reprovação, o déficit escolar diminui, surgindo assim vagas nas escolas sem a necessidade de se criar um número maior de estabelecimentos de ensino, isso vai acarretar em economia para o Estado.

Ao mesmo tempo em que o Estado economiza, há um enorme prejuízo no futuro dessas crianças e das famílias que não tem condições financeiras de arcar com mensalidades no ensino privado. Na cidade do Rio de Janeiro, a aprovação automática foi afastada no final de 2007, mas existem escolas que ainda fazem esse efeito maléfico

² [Http://eleicoes.uol.com.br/2010/sao-paulo/acesso](http://eleicoes.uol.com.br/2010/sao-paulo/acesso) 11/9/2011.

no Estado, mas não são divulgadas, por medo de perderem o emprego e medo de represálias pelos pais de alunos e pela violência que assola as escolas estaduais e municipais por falta de segurança e falta de incentivo do Estado e do Governo.

Portanto, este trabalho pretende mostrar a realidade da educação na periferia, o objetivo dos Programas Sociais nas favelas, a população descrita, e a importância do afeto como instrumento primordial na atuação do Educador Físico e o seu papel na vida dessas crianças e jovens no processo ensino aprendido, e mostraremos os possíveis caminhos para termos êxitos nos locais de vulnerabilidade e risco social.

2 A ATUAÇÃO DO EDUCADOR FÍSICO COM CRIANÇAS E JOVENS DE COMUNIDADES CARENTES

Na minha prática profissional procuro dar atenção a essas crianças e jovens que precisam de carinho e amor, pois vejo a marca nelas de tristezas, sofrimentos e abandonos pelos pais e pelo Estado.

Agrego valor a elas objetivando aumentar sua auto-estima, seu reconhecimento de potencial e sua crença no futuro; partindo do ensino de princípios morais e éticos, como o respeito ao próximo e honrar suas famílias, por mais dificuldades que elas possam enfrentar no dia a dia.

Desenvolvo atividades físicas e educacionais baseadas no objetivo geral da Psicomotricidade como a descoberta do corpo e a capacidade do seu movimento a descoberta dos outros e do meio ambiente, como por exemplo, “Do eu” (meu mundo), “mundo dos objetos” e o “mundo dos outros”. A Psicomotricidade, que é a ciência cujo objeto de estudo é o homem e o seu movimento, está fundamentada em três aspectos básicos como o movimento, o intelecto e o afeto. A Psicomotricidade oportuniza ao educando um crescimento e grande significação em sua vida (SBP, 2003).

A inatividade motora das crianças atualmente é cada vez maior, levando a uma espécie de analfabetismo motor, ocasionado pelo sedentarismo, fatores nutricionais, “correria do dia a dia” e pela tecnologia que está avançando a cada dia (vídeo games,

computadores e sites de relacionamentos), assim, como por escolas que estão dando mais ênfase ao estudo do que as práticas de atividades físicas.

Todos esses fatores estão deixando as crianças sem uma verdadeira infância e impondo a elas uma vida adulta cada vez mais precoce. As atividades de movimentos levam o educando a entender a sua movimentação, quanto maior a variedade de propostas, maior é o interesse dessa criança em aprender e a praticar uma atividade física.

Abordaremos nesse estudo os elementos que compõem o conhecimento do corpo e que são desenvolvidos na organização motora de base. São eles: Imagem corporal (é o sentimento que a criança tem do seu corpo) – Conhecimento do corpo (é o conhecimento intelectual que a criança ou o indivíduo tem do seu corpo e de cada função) – Esquema corporal (é a união das relações anteriores com os dados do mundo exterior) (MENDES e FONSECA, 1988).

As atividades psicomotoras devem desenvolver o corpo todo, ter um desenvolvimento global “*geral*” e múltiplas experiências “*vivências ao decorrer da vida*”, que a criança tem através do seu próprio corpo e movimento. As práticas psicomotoras podem desenvolver-se em contextos de ação diferenciados, em função da origem, história e caracterização do sujeito, nas suas dificuldades e possibilidades, e do contexto de intervenção pelo Educador Físico.

Procuro desenvolver na prática em atividades de iniciação esportiva como atividades coletivas: Futebol, Basquetebol, Voleibol e Handebol em atividades individuais como: Atletismo, Jogos de memórias, Jogos de Botão, Damas, Xadrez e abordaremos as atividades desenvolvidas na atuação de cultura e reforço escolar com disciplinas de matemática e português baseadas em atividades com estafetas e circuitos através de aulas lúdicas e centradas no desenvolvimento psicomotor da criança como: Lateralidade, Percepção de Tempo e Percepção de Espaço, Ritmo, Equilíbrio, Percepção Óculo Pedal e Percepção Óculo Manual, Percepção Visual, Atenção, Cognição e a Concentração.

Desenvolvendo na criança também os Estágios da Aprendizagem Motora e suas características como: a Cognição, a criança efetua os movimentos com erros grosseiros,

só que ela não consegue visualizar seu erro e nem corrigi-lo. O Associativo, a criança efetua o movimento com erros grosseiros, visualiza o seu erro, mas não consegue corrigi-lo. O Autônomo, que é o terceiro estágio da aprendizagem motora pelo indivíduo, o indivíduo efetua os movimentos com erros grosseiros, visualiza seu erro, onde errou, e consegue corrigi-lo, não entra pela idade das crianças. E suas Valências Físicas e a Flexibilidade que é a capacidade das articulações moverem-se com grande amplitude de movimento, e a Socialização entre os alunos e o professor.

Daremos destaque ao papel do professor no desenvolvimento do indivíduo, porque somos espelhos para essas crianças e jovens, com nossas ações e condutas podemos formar indivíduos sem limites e desinteressados ou formar indivíduos com limites, interessados e com potencial para o convívio social, temos que ter a sensibilidade de vermos com rapidez e destreza as situações e dificuldades de cada sujeito para intervirmos como profissionais humanizados.

Ao longo de minha experiência desenvolvendo trabalhos em comunidades carentes, percebi que o afeto é o aspecto primordial para termos êxitos. Cada abraço que efetuo nas crianças exerce uma mudança de comportamento; percebo em seus olhos e em seus sorrisos a esperança em uma vida melhor, sem criminalidade e sem violência e, ainda, que a comunidade necessita de investimento na educação e em sua infraestrutura.

2.1 OS PROGRAMAS SOCIAIS NAS PERIFERIAS

A sociedade contemporânea passa por um momento contraditório, ao mesmo tempo em que observamos o avanço da tecnologia, da ciência, do aumento da expectativa de vida e da melhoria da qualidade de vida, entre outros indicadores, nas comunidades a realidade é diferente. Por exemplo, a economia não tem o mesmo vigor, a saúde não tem a mesma qualidade, problemas sérios na habitação e pequenas perspectivas de trabalho. Muitos dos moradores das comunidades são atendidos pelos Programas de bolsa família e Programas de moradias populares, programas que, na prática, geram a dependência do cidadão em relação ao governo. Observa-se, também, o

contraste social vivido por uma significativa parcela da população, em constante contato com indicadores sociais que colocam em risco o bom desenvolvimento do ser humano (TOMAZI, 1993).

Convém destacar que as desigualdades sociais não são obras do acaso, mas como construções sociais, resultado de um conjunto de relações que abarcam as estruturas econômicas, políticas e educacionais, entre outras. Do ponto de vista econômico, percebemos a exploração demasiada do trabalho, e do trabalho infantil, e a concentração de renda. Do ponto de vista educacional, observamos um afastamento vertiginoso da população mais carente das instituições do Estado e Município, com isso acarretando um grande índice de analfabetismo, mesmo os alunos frequentando as escolas, além de uma grande falta de interesse dos alunos em continuar os estudos depois de completados (TOMAZI, 1993).

O crescente estado de miséria, as disparidades sociais, a extrema concentração de renda, os salários aviltantes, o desemprego em massa, a fome absoluta que agride o povo mais carente, a desinformação, o analfabetismo, a violência, entre outros, são formas de expressão da gravidade a que chegaram as desigualdades sociais no Brasil (MERLEAU-PONTY, 2006).

Segundo carvalho,

os programas sociais nascem do desejo de mudar uma realidade, os projetos são pontes entre o desejo e a realidade. São ações estruturantes e intencionais, de um grupo ou organização social, que partem da reflexão e do diagnóstico sobre determinada problemática e buscam contribuir, alguma medida, para outro mundo possível, com menos criminalidade, menos desordem e possibilitar mais oportunidades aqueles que são excluídos da sociedade.³

Os programas sociais mostram as iniciativas governamentais que priorizam o fenômeno esportivo como potencializador e mediador de elementos educativos que podem favorecer uma reflexão crítica sobre os diferentes contextos de riscos sociais, bem como minimizar o tempo de exposição de crianças e jovens aos efeitos nocivos da violência, da ociosidade, dos desajustes familiares, do tráfico de drogas, da prostituição,

³ CARVALHO, Maria João Leote de, **Juventude e risco social: uma questão de olhar (es)?** Relatório de Pesquisa. Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2004, p.1.

das carências alimentares, da falta de afeto, e entre outros elementos que convergem para a destruição da dignidade humana, como os riscos sociais que são todas as situações que expõem a vida das crianças e adolescentes ao perigo constante (BRASIL, 2005). Assim,

Diante da miséria não podemos cruzar os braços fatalistamente, esvaziando minha responsabilidade no discurso cínico e “morno” desta maneira, que fala da impossibilidade de mudar porque a realidade é mesmo assim. O discurso da acomodação e da falta de caráter de muitos políticos, o discurso da exaltação do silêncio imposto de que resulta a imobilidade dos silenciados, o discurso do elogio da adaptação tornada como fado ou sina é um discurso negador da humanização de cuja responsabilidade não podemos nos eximir.⁴

O fundamento de um programa social tem como foco o esporte como meio de inclusão social e socialização entre os alunos beneficiados e suas famílias, realizando eventos de integração entre a comunidade, desenvolvendo o respeito mútuo, a cooperação e a solidariedade, permitindo que crianças e adolescentes participem de atividades educacionais, esportivas, lúdicas e recreativas para ocupar o tempo ocioso.

Assim, o programa social tem como um dos princípios fundamentais a universalização da prática esportiva e a inclusão social, tendo-se no esporte educacional um meio para contribuir no desenvolvimento integral de crianças e adolescentes, a partir da perspectiva de inclusão para o desenvolvimento das atividades, abrir novas oportunidades para a formação e o exercício pleno da cidadania, para a valorização da vida (BRASIL, 2005).

A inclusão pelo esporte tendo como foco a relação social com o corpo e com as diferenças, essas que podem ser físicas, sociais, religiosas e materiais, desenvolvendo os temas transversais em palestras, passeios e nas aulas, pois historicamente a educação física e o próprio esporte veiculam a idéia de corpo saudável que estimula a noção de eficiência, privilegiando a integridade física, funcional do corpo, uma mistura de etnias e de uma estrutura social, respeitando as regras, entre outros valores vivenciados no cotidiano da prática esportiva, para a convivência harmoniosa e o fortalecimento da autodeterminação e auto-estima de um povo (BRASIL, 2005).

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 76.

Segundo Porto (2006), a inclusão é um dos possíveis caminhos que a sociedade tem para vir mudar alguns conceitos e valores sobre os seres humanos na sua relação estreita com o outro e com o mundo, ao observarmos outra pessoa somos capazes de identificar e enumerar várias diferenças físicas, motoras, sensitivas, afetivas, emocionais, sociais e cognitivas existentes entre nós, bem como o modo como nos relacionamos com nós mesmos, com os outros e com o ambiente.

Valorizar as capacidades do ser humano individualmente, respeitar os direitos e os deveres de todos sem exceção, aceitar as limitações inspirando-se na ética da diferença, criar condições e possibilidades reais para que todos possam participar e se envolver em todas as situações, mudar os sistemas já criados e institucionalizados, são alguns pressupostos da inclusão social e da educação nos Programas Sociais (LE BRETON, 2006).

2.2 A EDUCAÇÃO NA COMUNIDADE CARENTE

Pela falta de investimento na educação por parte do Estado, as comunidades carentes acabam padecendo e vivendo uma realidade precária no ensino. Isso acarreta na baixa auto-estima na aprendizagem e na vida pessoal dessas crianças e jovens, pois as escolas estão sempre entrando em greves ou “paralizações” pelo aumento dos salários dos professores.

Muitas escolas são má administradas pelos seus diretores e coordenadores que pensam no seu próprio benefício. Um exemplo disso são os profissionais que, ao invés de darem uma boa qualidade de alimento na hora do almoço e do lanche, dão o “resto” para as crianças e jovens, enquanto alimentos são distribuídos entres os próprios funcionários, ao invés de serem distribuídos para os alunos que precisam e tem direito. Excluem-se as crianças e jovens que, por sua vez, não tem, às vezes, o que comer ou está indo à escola para fazer suas refeições diárias pela falta de alimentos em sua casa. Esses servidores acabam monopolizando os melhores alimentos e, ainda, tomam posse levando para seus lares.

Essa é a realidade de muitas comunidades carentes e de escolas do Estado e do Município, o que, infelizmente, não é abordado. Com isso, essas escolas acabam comprometendo toda a sua estrutura educacional, gerando alunos sem limites, desinteressados pelas aulas, e muitas dessas crianças ficam ociosas e a mercê do tráfico de drogas.

Quando falta água nas escolas estaduais e municipais os alunos são dispensados das aulas, e isso cria um impacto e um bloqueio muito grande na vida dessas crianças, principalmente na parte intelectual e afetiva. Gerando uma visão deturpada que o estudo e a instituição “*Escola*” não são um lugar de aprimoramento, não servem para um bom desenvolvimento em suas vidas, para um bom crescimento intelectual para o futuro.

Outro fator é que essas crianças e jovens têm o exemplo negativo de seus familiares. Em muitos casos, seus pais, mães e irmãos não almejam um futuro profissional, que incluam o estudo depois da sua formação básica escolar, pois essas pessoas passaram pelas mesmas situações adversas. Assim, esses indivíduos acabam presenciando pessoas ociosas que vivem ao seu redor e, com isso, elas ficam a mercê da criminalidade e de más companhias (amizades), comprometendo totalmente seu futuro.

Segundo Oliveira (2009), os Educadores Físicos tem a obrigação de desenvolver e ensinar a justiça, a moral, a ética, a cooperação e a solidariedade. E estimular os conhecimentos de outras disciplinas escolares por meio de atividades lúdicas e recreativas. Ministrando aulas com temas transversais na própria aula de educação física nas escolas e passeios que desperte o interesse dos alunos, pois o motivo principal do desinteresse das crianças e jovens das comunidades, está relacionado com o fato da escola Estadual e Municipal não estarem atraindo o jovem com didáticas novas e profissionais que estejam realmente interessados em educar, e preparar os jovens para possíveis dificuldades que irão encontrar e enfrentar em suas vidas, seja a vitória e a derrota / sucesso e o fracasso.

Esses indivíduos estão ingressando para o mundo do tráfico de drogas cada vez mais cedo, e com isso estão traçando caminhos prejudiciais para suas vidas. Um caminho é a prisão conhecido por nós como “*cadeia*”, de dezoito anos de idade em

diante, tendo menor idade esses jovens vão para internatos de crianças infratoras como o “*DEGASE*”.

O outro caminho é a morte, falecimento pelo confronto com a polícia, ou entre o próprio tráfico, guerras de “*facções*” para dominar a localidade, “*a comunidade*”, e, também, confronto com os milicianos, que estão tomando posse das comunidades nos lugares dos traficantes, fingindo pacificar o lugar com uma doutrina firme, “*uma lei*” sem tráfico de drogas, “*bocas de fumos*”, e sem furto na comunidade, cobrando possíveis taxas da população para fazer a proteção do lugar.

Muitas comunidades padecem pela falta de interesse dos próprios moradores e das próprias crianças e jovens, se acomodando com a realidade que eles vivem. Nos raros casos em que são atendidos pelos governantes, parte significativa desses moradores acabam não dando valor aos trabalhos implantados, que dão oportunidades ao estudo, a terem uma alimentação gratuita nas escolas, programas sociais para a prática de atividades físicas e aprendizado de modalidades coletivas e individuais, assim como programas de culturas como cinemas e teatros gratuitos para entretenimento. Tem favelas que acabam perdendo essas oportunidades e ficam a mercê do tráfico, um exemplo disso são as comunidades que não querem as *UPPS* “*Unidade de Polícia Pacificadora*” (MELLO; PERES, 2009).

Na maioria das vezes as crianças e jovens mais desfavorecidas das favelas são alvos de brincadeiras que as deixam constrangidas e abaladas emocionalmente, levando-as a se ausentarem até do programa social que estão inseridos. Como exemplo, um relato do aluno G.M.⁵ sobre agressão verbal que fizera ao seu colega mais pobre: “pelo menos tenho comida em casa! não venho aqui para o projeto só para comer! e pelo menos tenho roupa nova! Não ando sujo e com a roupa rasgada seu mendigo!”. O papel do educador físico é intervir com o afeto nesse momento para tentar resolver essa situação.

Os Educadores Físicos têm uma parcela positiva na vida dessas crianças e jovens, pois depois de seus familiares, os educadores são as pessoas mais próximas delas, através de programas sociais e de aulas de educação física nas escolas do Estado e

⁵ Novamente, uso as iniciais do nome da criança, para a manutenção do sigilo.

Município. Com isso, os professores podem ser fatores de grande valia e referência para formação do educando, intervindo na vida desses indivíduos, mostrando que eles podem trilhar o caminho do estudo, almejem um bom emprego, construir futuramente uma família com valores e de terem uma vida melhor.

2.3 O PERFIL DA POPULAÇÃO DESCRITA

A população descrita é composta por trinta e três crianças e jovens do sexo feminino e oitenta e quatro crianças e jovens do sexo masculino. Ao todo temos cento e dezessete crianças cadastradas e ativas no Programa Social, com idades entre cinco a dezoito anos.

Na parte da manhã, são cinquenta e oito crianças que são atendidas no primeiro horário, das nove às onze horas, e são divididas por bandeiras, pelas idades e alturas. A bandeira A é composta por vinte e oito crianças, com idades entre cinco e sete anos, e a bandeira B é composta por trinta crianças, com idades entre dez e quatorze anos.

Durante à tarde são cinquenta e nove crianças que são atendidas no segundo horário, das treze horas às quinze horas da tarde, e são divididas por bandeiras, pelas idades e alturas, a bandeira A é composta por vinte e cinco crianças, com idades entre oito e doze anos, a bandeira B é composta por trinta e quatro jovens, com idades entre quatorze e dezoito anos.

Essas crianças e jovens são beneficiadas durante três vezes na semana, nos dias de quarta, quinta e sextas-feiras. Ao término das aulas, no período diurno e tarde, essas crianças recebem um reforço alimentar, que, no papel, é composto por suco da fruta, um sanduíche com frios ou um biscoito recheado e uma fruta. O lanche é gratuito, e as crianças que recebem estão inscritos e participando do Programa. Na verdade, muitas das vezes, as frutas são podres, o suco da fruta é substituído por sucos industrializados e de preço baixo, o pão e os frios estão mofados.

Além disto, são todos moradores de comunidades, e residem em seis favelas, no morro da Maminha, morro da Nova Brasília, morro do Marítimo, morro do Castro,

morro da Cova da Onça e morro da Hortinha. Essas comunidades estão localizadas no bairro de Tenente Jardim, na cidade de Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, e todos são beneficiados do Programa Social, cadastrado pelo *Ministério do Esporte do Governo Federal*. São crianças e jovens que cursam e estão matriculadas em escolas das redes estaduais e municipais de ensino em Niterói e São Gonçalo, e padecem do descaso social pelo Estado a qual suas famílias estão inseridas.

Uma parte da população apresenta problemas familiares, e outra parte são de famílias minimamente estruturadas, e de pais divorciados, e uma grande parte dessas crianças tem pais, irmãos e parentes detentos que estão inseridos em presídios do Rio de Janeiro, “*estão cumprindo pena em regime prisional*”, como a *Penitenciária Laércio da Costa Pellegrino*, conhecido como presídio de Bangu I e unidades do complexo de *Gericinó*.

A família é uma importante instituição e um pilar na formação do indivíduo no caráter e nas construções de valores morais, éticos e afetivos. É onde se pode e se deve encontrar espaços para conversas, questionamentos, desabafos, diálogos, na busca de superação de circunstâncias, problemas, conflitos de convivência entre irmãos, pais e na elaboração cotidiana do respeito mútuo.

Com esses problemas familiares, o encargo de educar as crianças e prover os recursos materiais e alimentícios fica subordinado, muitas das vezes, para as mães, que abraçam essas responsabilidades sozinhas, pois seus conjugues estão encarcerados em penitenciárias ou envolvidos com o tráfico. Quando não conseguem sozinhas, os avós ajudam na criação das crianças e, também, financeiramente, pois as mães vão para o trabalho e não tem condições de contratar empregadas domésticas para cuidarem de seus filhos, mas, muitas das vezes, elas deixam as crianças em Programas Sociais como se fossem creches.

Muitas crianças e jovens ficam a mercê da ociosidade e do tráfico de drogas. Muitas dessas drogas já estão fazendo parte, cada vez mais cedo, na vida dessas crianças, como a maconha, a cocaína, o crack e, agora, o óxi, uma droga devastadora que mata o usuário mais rapidamente.

Sabemos que a educação pode influenciar muito o educando, mas as “*favelas*” foram criadas por pessoas de poder aquisitivo baixo e por indivíduos de outros estados e cidades, que vem para os grandes centros do Brasil, como Rio de Janeiro e São Paulo, em busca de uma oportunidade melhor de emprego, para poder sustentar suas famílias, mas são poucos os que conseguem uma ascensão financeira, e com isso eles são obrigados a procurarem um lugar mais barato para morarem e para pagarem o aluguel. Por causa disso começaram a surgir as *favelas*, com isso muitos indivíduos trazem consigo suas culturas e famílias, que, por sua vez, agregam nesses locais. Existem periferias que são praticamente congregadas por enormes números de familiares.

Nas comunidades carentes eles impõem as suas próprias culturas, criando um conjunto de atividades e modos de se portar, de agir, de costumes, de tradições e acabam instruindo e influenciando toda uma localidade. É o meio no qual o indivíduo se adapta e transforma a realidade do lugar, eles criam um novo linguajar, um novo estilo de se vestir e andar estimando sempre uma marca de roupa e de calçado, que é abraçado pela comunidade. Parece que é uma cidade dentro de outra cidade. Um exemplo disso é o morro da Rocinha, conhecida como a maior favela da América Latina, que está situada em São Conrado um dos bairros mais nobres do Rio de Janeiro.

Uma crescente parte da população se veste com a mesma marca de roupa, grife, escutam as mesmas músicas, o “*FUNK*” e o “*FUNK PROIBIDO*”, que é uma música que exalta o tráfico, as letras são obscenas, que falam sobre prostituição, drogas, armas e difamam a polícia e agridem verbalmente os policiais chamando-os de “*vermes*”. Existem alguns costumes na parte da higiene e da educação muito ruim, de jogar lixo no chão em todos os lugares e ambientes, e que acaba influenciando e dominando os padrões sociais dessas crianças e jovens.

Algumas meninas das comunidades sempre andam com o mesmo tipo de roupa, com o short muito curto e blusas acima da cicatriz umbilical, se envolvem em relacionamentos com idades bem baixas, e tem relações sexuais prematuramente, chegando a serem possíveis mães muito novas. Isso dentro do contexto familiar e na própria comunidade aparenta ser um “*status*”, e quando acontece a gravidez acabam desistindo dos estudos para cuidarem dos filhos, e isso acontece na maioria das vezes

por verem, e terem presenciado esses acontecimentos com pessoas muito próximas como parentes e, às vezes, suas próprias mães.

Uma extensa parte dos meninos das periferias utilizam roupas, grifes, bermudas e bonés. Eles deixam os bonés sempre em uma posição, com a aba reta sem dobras, e usam, praticamente, as mesmas camisas que os outros rapazes andam, sempre da mesma marca ou então a marca que a facção criminosa costuma usar na comunidade, como se fosse uma camisa de time de futebol, para indicar qual a facção que manda na localidade. Uns usam a cor vermelha, outros a cor azul e branca. Eles adotam sempre uma marca de roupa e uma cor para se comunicarem e para se indicarem, eles vestem roupas das marcas *HBS*, *ADIDAS*, *CYCLONE* e *NIKE*, e usam o mesmo tipo também de sandálias, a “*kenner*”.

Esses rapazes se envolvem em relacionamentos bem novos e acabam sendo pais prematuramente, pois na comunidade esta prática aparenta um “*status de pegador, de homem requisitado por ficar com várias meninas*”, e com isso acabam desistindo dos estudos e arrumando um trabalho para começar a cuidar de uma família. Essa é uma realidade que influencia muito os jovens das periferias, pois isso acontece ou aconteceu com pessoas mais próximas, como parentes, por vezes, com seus próprios pais, e esses jovens já começam a criar responsabilidades de serem provedores de uma família.

Alguns jovens gostam de se comportar e falar como traficantes (falando as “*gírias dos bandidos*”), porque impõem um respeito aparentemente, no seu grupo social e de amizades, e gostam de se vestir como se fossem traficantes, pois eles vêem neles o poder e o medo que as pessoas das periferias sentem e se submetem.

Os traficantes parecem jogadores famosos de clubes de futebol da Série A, da primeira divisão do campeonato carioca. Essas crianças veem os “*bandidos*” como fossem ídolos, pessoas importantes, famosas e bem sucedidas. Os traficantes, para as crianças das comunidades, são vistos como autoridade maior, e os policiais são vistos pelas crianças como a sociedade olha para os traficantes, como a escória. Ou seja, os traficantes para as crianças são como os “*policiais*” e os policiais para as crianças são visto como “*bandidos*”.

Esses adolescentes ficam deslumbrados por esse poder e respeito, pois nas periferias esse poder atrai as meninas, e eles observam esses criminosos com motocicletas, roupas e tênis de marcas, cordões e anéis de ouros, rádios e celulares de preços elevados, o que, aparentemente oferece dá um tipo de “*poder*”, onde esses marginais estão inseridos, e, também, pelo dinheiro fácil. Muitos ganham até mais que seus próprios pais, e com isso muitos ingressam nesse caminho sem volta, e acabam falecendo antes de completar seus dezoitos anos de idade.

Muitas favelas padecem na penúria, pela falta de infra-estrutura e tem uma educação que não é muito valorizada pelo Município e pelo Estado. Um dos motivos apontado pelos moradores é a desatenção da classe política, que não é capaz de cumprir suas promessas depois de serem eleitos pelos habitantes das comunidades, que são esquecidos.

Muitos são preconceituosos em relação à classe social. Os que residem em casas que ficam nas proximidades do asfalto, nas ruas das comunidades, são intitulados como “*playboys*”, pessoas que possuem um poder aquisitivo superior aos demais, e essas crianças e jovens estudam em escolas privadas. Os que moram em morros, “*favelas*”, são vistos como pobres pela própria comunidade, e muitos deles estudam em escolas municipais e estaduais.

Por isso, muitas comunidades vivem e continuam padecendo da falta de informação e de apoio, na pobreza e no mundo que acham que é o certo para eles. Um relato de uma criança de 15 anos de idade e meu aluno no Programa Social, morador do morro da Maminha, em Niterói, expressou “Porque vou ajudar! Não me ajudam em nada! Aqui no morro professor! Ninguém ajuda ninguém!”.

2.4 A IMPORTÂNCIA DO EDUCADOR FÍSICO NA COMUNIDADE CARENTE

O Educador Físico tem que ensinar às crianças o que é a qualidade de vida. E que a educação engloba os processos de ensinar e aprender. Tentando apagar a marca que o papel do professor nas escolas e nos programas sociais, são de acomodação e de fazer com que as crianças e adolescentes participem e pratiquem das atividades físicas e educacionais de qualquer jeito.

Não basta levar essas crianças para quadras, campos, pátios, ruas e dar uma bola para que corram atrás. É preciso que esses jovens saibam o porquê e para que estão correndo atrás de uma bola, a sua importância, e o objetivo que eles estão exercendo e desenvolvendo durante a prática de atividades físicas e dos jogos. Nesse ponto entra a educação e a intervenção desse educador.

Temos que contribuir para o aprendizado dessas crianças e jovens, com o seu crescimento psicomotor, intelectual e afetivo. Nós educadores físicos temos que mediar o conhecimento, fazendo deles seres críticos, pensantes, e educamos com a ajuda da sociedade. Tentamos, através dos movimentos, dos jogos, das atividades em grupo fazer com que os alunos se integrem, interajam uns com os outros de forma sociável e saudável.

E para que todos esses processos ocorram de forma qualitativa para esses alunos, não somente nos olhar como professores, mas, também, como um amigo, companheiro, conselheiro, uma pessoa que eles possam confiar e se espelhar como cidadão para um futuro melhor.

Às vezes somos coniventes à realidade do ensino precário na educação e, também, da educação física que é oferecida nas instituições estaduais, municipais e privadas e isso pode acarretar um perigo muito grande na formação do educando.

Não é possível desenvolver toda a parte motora, psicomotora da criança e do adolescente somente na escola. Mesmo porque o tempo de aula é curto e as aulas são escassas, o importante é desenvolver a consciência e mostrar a importância na integra para esses indivíduos a praticarem atividades físicas não só na escola, mas na vida.

Muitas crianças e jovens se formam nas escolas, mas acabam não dando continuidade às atividades físicas, e muitos se tornam jovens e adultos sedentários, apresentando, no futuro, consequências maléficas à saúde.

O educando precisa ser desenvolvido e visto como um ser único, cada vez mais a população está sedentária e doente, e o governo acaba tendo que investir mais em doenças ao invés de incentivar mais a população a cuidar precocemente da saúde. Isso vai muito além do que a mídia e os veículos de comunicação mostram. A iniciativa em mostrar essa realidade tem que partir do próprio educador físico.

Uma questão muito preocupante é o fato de se ter aumentado tanto o número de crianças hipertensas, obesas e doentes. Isso significa que os próprios educadores e professores, que se entregam ao comodismo de não ensinar conteúdos teóricos e de conhecimentos empíricos. O educador físico tem que contribuir para construção de uma nova forma de pensar no papel da educação física.

A educação física é uma das áreas do conhecimento humano ligada ao estudo e atividades de aperfeiçoamento, condicionamento físico, qualidade de vida, atividades educacionais, manutenção e reabilitação da saúde do corpo e mente do ser humano, além de ser fundamental no desenvolvimento do sujeito como um todo.

Tem um amplo objetivo de prevenção e cura de determinadas enfermidades num contexto terapêutico e, também, é fundamental na formação básica da criança, principalmente nas comunidades carentes, devido sua atuação no contexto psicossocial, no conhecimento corporal da criança, que é o conhecimento do próprio corpo, em suas possibilidades de ação, intervenção social e suas limitações.

3 PSICOMOTRICIDADE RELACIONAL: possíveis caminhos a percorrer

A Psicomotricidade Relacional tem como objetivo desenvolver, aperfeiçoar e aprimorar os conceitos relacionados da Globalidade Humana. É muito importante para as crianças das comunidades carentes, pois busca superar o dualismo cartesiano corpo/mente, enfatizando a importância da comunicação corporal, não apenas pela

compreensão da organicidade de suas manifestações, mas pelas relações psicofísicas e sócio-emocionais do sujeito. Preza por uma precaução, com uma perspectiva qualitativa, dando ênfase na saúde e não na doença (VIEIRA, BATISTA e LAPIERRE, 2005).

É uma prática que permite que a criança consiga a expressão e superação de conflitos relacionais, interferindo de forma esclerótica (dura), preventiva e terapêuticamente sobre o processo de desenvolvimento cognitivo, psicomotor e sócio-emocional, na medida em que estão diretamente vinculados a fatores psicoafetivos relacionais, para então proporcionar os meios de decodificação das nuances expressas nas relações, levando em consideração seu desenvolvimento psicomotor e sócio-histórico, com a finalidade de ajudar e atender às necessidades de crianças e jovens em formação, nos aspectos psíquicos, motores e emocionais que, em conjunto, influem diretamente na construção e desenvolvimento da personalidade do sujeito (VIEIRA, BATISTA e LAPIERRE, 2005).

No âmbito da comunidade carente, pode-se dizer que o principal objetivo da Psicomotricidade Relacional é promover o desenvolvimento integral das crianças, envolvendo alguns aspectos importantes como: cognitivo, social, psicoafetivo e psicomotor, porque a educação está passando por um período de mudança ao longo do tempo, diversos teóricos têm declarado e assumido o fato de que não é mais possível que a escola se restrinja à transmissão dos saberes socialmente elaborados.

É necessário que a Instituição Escolar, independente da classe social que atenda, seja particular ou pública, venha a ter uma preocupação também com a formação de valores em seus educandos.

Nesse sentido, a Psicomotricidade Relacional, a aprendizagem e o desenvolvimento se produzem pelas formas de relação afetiva com o outro, abordando de acordo com as possibilidades e limites de cada sujeito, pretende requerer a expressão de professores e crianças em sua plenitude, recriando uma escola em que se abre o espaço para vivências de aspectos afetivos, que permeiam o crescimento da personalidade e a evolução na inserção social (LE BOULCH, 1988).

A Psicomotricidade Relacional na comunidade carente enfatiza a comunicação humana, a socialização, os comportamentos afetivos, e emocionais indispensáveis à conquista do conhecimento e ao bem estar pessoal e social, influenciando diretamente também no comportamento dessas crianças com suas famílias, conquistando bons relacionamentos entre amigos, com seus parentes e, principalmente, com seus pais, com função de prevenção e intervenção na vida dessas crianças e jovens que vivem em situação de risco social.

4 CONCLUSÃO

Após descrever uma breve narrativa da história e do perfil da população da comunidade carente em que me encontro inserido, destacando a educação, o papel do educador físico na comunidade, os programas sociais como forma de inclusão social, mostrando as iniciativas governamentais que priorizam o fenômeno esportivo como potencializador de elementos educativos, que podem favorecer uma reflexão crítica sobre os diferentes contextos de riscos sociais, favorecendo a essas crianças uma qualidade de vida melhor, praticando atividades físicas e educacionais, minimizando o envolvimento com o tráfico de drogas, a prostituição e a ociosidade. Sendo o desenvolvimento da Psicomotricidade Relacional como seu principal aspecto e objetivo de trabalho, o afeto, em questão de dar afeto à criança, foi constatado através do discurso de diversos autores, a importância desse trabalho em comunidades desfavorecidas socialmente, e, principalmente, com crianças e jovens que estão em formação escolar. Quanto ao aspecto da intervenção na área da Psicomotricidade Relacional foi verificado que há basicamente dois aspectos de atuação para o educador físico nessas áreas de conflitos: a educação, a reeducação, tanto no aspecto psicomotor, como psicoafetivo da criança.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Resolução nº 5**: Políticas Nacionais do Esporte. Brasília: Diário Oficial da União, n. 157, 2005.

CARVALHO, Maria João Leote de, **Juventude e risco social**: uma questão de olhar (es)? Relatório de Pesquisa. Universidade Nova de Lisboa, Portugal, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

[Http://eleicoes.uol.com.br/2010/sao-paulo/](http://eleicoes.uol.com.br/2010/sao-paulo/) acesso 11/9/2011.

[Http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/](http://pt.shvoong.com/social-sciences/education/) acesso 11/9/2011.

[Http://www.soeconomia.com.br/index/](http://www.soeconomia.com.br/index/) acesso 11/9/2011.

LE BOULCH, **Educação psicomotora**: a psicocinética na idade escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

LDB, **LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LEI 9394-96**.

MENDES, N; FONSECA, V. **Escola, escola, quem és tu?** Perspectivas Psicomotoras do Desenvolvimento Humano. 4 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

MELO, Victor Andrade; PERES, Fabio de Farias. **Espaço, lazer e política**: desigualdades na distribuição de equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. Disponível em http://grupoanima.org/wp-content/uploads/idac_livro_colombia_2004.pdf Acesso em 13 out 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e Pedagogia da criança**: cursos da Sorbonne (1949-1952). São Paulo: Martins Fontes, 2006.

OLIVEIRA, A. A. B, PERIM, G. L. **Fundamentos Pedagógicos do Programa Segundo Tempo**: da reflexão á prática. Maringá: Editora UEM, 2009.

PORTO, Eliane Rozante. Educação Inclusiva na Educação Física Escolar. In: CAPISTRANO, Naire; PONTES, Gilvana (Org.). **Caderno Didático 4 – Educação inclusiva no ensino de arte e educação física**. Natal: UFRN/PAIDEIA/MEC, 2006.

SBP. **SOCIEDADE BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE**. Disponível em: www.psicomotricidade.com.br. Acesso em: 11/9/2011.

TOMAZI, Nelson D. **Iniciação à Sociologia**. São Paulo: Atual, 1993.

VIEIRA, L. BATISTA, M.I.B. LAPIERRE, A. **Psicomotricidade Relacional**: a teoria de uma prática. Curitiba: Filosofart /Ciar, 2005.